

nós

NósOnline: www.div.cefetmg.br



Projeto de iniciação científica resolve problema de comunicação e serve de laboratório para alunos no Cefet (MG) de Divinópolis

Luiz Carlos GONÇALVES*, Matheus Lopes de ANDRADE†, Bárbara Regina ALTIVO‡

Cefet Minas Gerais,
Campus Divinópolis

Palavras-chave: Jornal, boletim, redação

RESUMO

O artigo é uma adaptação do relatório de um projeto de iniciação científica (Bic-Jr) desenvolvido no Campus de Divinópolis do Cefet-MG. O objetivo do trabalho era desenvolver um estudo sobre como criar um jornal na escola. Foram feitas entrevistas com professores, alunos e pais, e foram produzidos textos e gráficos. O projeto foi desenvolvido em parceria com o Laboratório de Iniciação Científica (LIC) do Cefet-MG. O projeto foi desenvolvido em parceria com o Laboratório de Iniciação Científica (LIC) do Cefet-MG.

ARTIGO - Primeira página do artigo sobre o nós, na última edição dos "Cadernos Temáticos", publicação anual do Ministério da Educação.

Revista do MEC traz artigo sobre o jornal Nós

Os *Cadernos Temáticos* 2010 trazem um artigo de oito páginas sobre o Jornal **nós**. A publicação do Ministério da Educação (MEC) seleciona em escolas de ensino tecnológico do país inteiro experiências consideradas inovadoras. Segundo a Secretaria de Ensino Profissional e Tecnológico, ligada ao

MEC, o objetivo dos *Cadernos Temáticos* é “estimular na prática docente a discussão de temas relevantes que permitam a adoção de novas metodologias de ensino”. O artigo sobre o **nós** destaca os objetivos do projeto de Bolsa de Iniciação Científica (Bic-Jr) que deu origem ao jornal. Em cores e com fotos, o texto explica o trabalho do professor e dos bolsistas Ma-

theus Lopes e Bárbara Regina, que ajudaram a criar o jornal. Ao todo, o MEC analisou cerca de 300 trabalhos de todo o Brasil para selecionar os que seriam publicados. Os critérios são clareza, pertinência, objetividade e metodologia do projeto. Os *Cadernos Temáticos* têm versões impressa, em DVD e podem também ser lidos no site: <http://migre.me/EcrF>.

Projeto de pesquisa do 2ºA terá apresentação em congresso internacional

No último 17 de maio, o mundo celebrou o Dia Mundial de Luta contra a Homofobia. O tema é tão polêmico quanto carente de dados para debate. Uma pesquisa feita pelo 2ºA, sob orientação do professor de Redação da turma serve de contribuição para mudar esse fato pelo menos no Cefet. O trabalho levantou informações sobre o quanto os alunos da escola são tolerantes ou não com a diversidade sexual. Foram 419 entrevistas para responder a questões

como “Que tipo de aluno está mais sujeito a sofrer preconceito na escola?” ou “Se pudessem, você optaria por não ter colegas gays na sala de aula?”. A coleta e análise de dados e até os textos produzidos pelos alunos e que você lê nesta edição, foram inscritos no maior congresso do país sobre o assunto. O trabalho foi aprovado e será apresentado no Congresso “Fazendo Gênero”, da Universidade Federal de Santa Catarina, em agosto. **PÁG. 2 e 3**



Guilherme Frederico do 2ºA, durante aula de Redação. Ele e os colegas fizeram a pesquisa e textos sobre os resultados.

Corrida de Orientação

Cefet participa de campeonato com escola “vizinha” **PÁG. 4**

Nova ferramenta de pesquisa

Biblioteca terá software que permite acesso online **PÁG. 4**

Bic já tem datas para inscrições

O Departamento de Pós-graduação e Pesquisa do Cefet-MG (DPPG) lançou os editais que regulamentam a criação de projetos de Iniciação Científica (Bic) este ano. A primeira etapa constitui-se da inscrição de projetos pelos professores. Já as inscrições para alunos no Bic-Jr - versão voltada para o ensino técnico - vão de 16 a 22 de junho. As inscrições em projetos para os cursos de curso superior (PIBIC) também acontecem em junho. O edital completo pode ser consultado em: www.dppg.cefetmg.br.

Respostas estimuladas, em %

COR	Branca	65
	Parda	23
	Amarela	05
	Negra	04
	Não sei	03

RELIGIÃO	Católico	78
	Evangélico ..	09
	Espírita	03
	Não tenho ..	07
	Outra	02
	Não sei	01

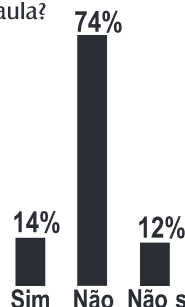
Na sua opinião, quem está mais sujeito a sofrer preconceito na escola?

Homossexuais	68
Deficientes físicos...	10
Pobres	05
Negros	04
Mulheres	-
Nenhum desses	05
Não sei	08

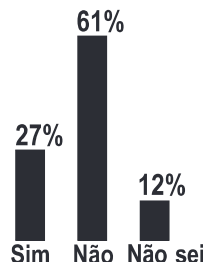
Se descobrisse que seu/sua melhor amigo/a, que tem o mesmo sexo que você, é homossexual, isso...

Não teria influência na amizade	69
Faria ficar menos próximo ...	19
Faria terminar a amizade	01
Não sei	11

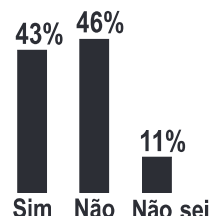
Se pudesse, você optaria por não ter colegas homossexuais na sala de aula?



Você acredita ter algum tipo de preconceito contra homossexuais?



Você já presenciou ou ficou sabendo da prática de ato na sua escola que considere preconceituoso contra homossexuais?



Pesquisa com alunos investiga preconceito

Estudo, que será apresentado em Congresso em Santa Catarina, ouviu 419 alunos sobre homofobia

LUIZ CARLOS GONÇALVES

Resposta rápido: quem está mais sujeito a sofrer preconceito na escola? Para 68% dos alunos do Cefet de Divinópolis são os homossexuais. O dado é da pesquisa sobre diversidade sexual, realizada pelos alunos do 2ºA da manhã, sob orientação do professor de Redação da turma. A consulta ouviu 419 estudantes de todas as turmas de cursos técnicos sobre temas ligados à homossexualidade, em março deste ano. O projeto surgiu como laboratório para o ensino de Metodologia Científica, tópico das aulas de Redação e foi redigido pelo professor. Aos alunos coube ajudar na composição do formulário de pesquisa, fazer a análise dos dados e a redação dos textos que você lê nesta página. O trabalho, na verdade, além da prática da pesquisa, incentivou nos alunos a redação de textos jornalísticos, outro tópico do ensino da matéria, além de estimular o debate sobre diversidade sexual. A ideia era que os alunos experimentassem na prática os desafios reais do desenvolvimento de um trabalho com métodos científicos. No Cefet, os alunos dos cursos técnicos também po-

dem desenvolver projetos de pesquisa através de bolsas de iniciação científica (Bic-Jr). Para simular uma situação o mais real possível, o projeto foi inscrito e aceito no maior congresso sobre diversidade sexual do país. O *Fazendo Gênero* acontece em agosto, na Universidade Federal de Santa Catarina. O trabalho será apresentado pelo professor da turma.

Politicamente correto - A pesquisa reflete os posicionamentos politicamente corretos sobre o tema, que vêm sendo difundidos nas últimas décadas. Ou seja, à primeira vista mostra uma tolerância ao convívio com os homossexuais. Oitenta por cento dos alunos responderam, por exemplo, que não veem problemas em ter aulas com uma professora travesti ou transexual; 69% garantem que saber que o melhor amigo ou amiga é gay/lésbica em nada afetaria a amizade.

Quando confrontados com a pergunta “Você considera possuir algum tipo de preconceito contra homossexuais?”, 27% responderam “sim”. Mas há pistas de que a homofobia pode repousar sob a aparente tolerância: 43% dos entrevistados afirmam já terem presenciado ou ficado sabendo de atos preconceituosos contra gays em ambiente escolar.

Colegas gays são aceitos desde que sejam “discretos”

A pesquisa foi pensada também para flagrar algumas incoerências. É o caso da questão em que se pergunta “Se pudesse, você optaria por não ter colegas homossexuais na sala de aula?”. A maioria dos entrevistados, 74%, afirma que não, ou seja, não se importa em ter colegas gays na sala. Já 14%, se pudessem optariam por não dividir a sala com homossexuais. Mas quando a questão é comparada à análise da frase “Não

me importo em ter colegas de sala de aula gays desde que sejam discretos”, outro tópico da pesquisa, percebe-se que a coisa não é bem assim: 73% dos entrevistados concordam com a frase. Isso faz supor que os 74% que dizem “aceitar” a convivência com os gays não seriam de todo tolerantes. A aceitação seria, na verdade, mediante uma condição: que eles “mantenham a porta do armário bem fechada”.

Augusto Andrade
Cláudia Martins
Isadora de Melo
João Marcos Andrade
Thaís Mota

“Colegas gays são aceitos desde que sejam ‘discretos’”

Barbara Costa
Braian Mendes
Déborah Tavares
Isabella Faria
Pedro Pinheiro

“Religião influencia as respostas dos entrevistados”

Religião influencia as respostas dos entrevistados

Entre os entrevistados, a maioria (78%) se disse católica, seguida dos evangélicos (9%) e espíritas (3%). Os que declaram não ter religião somam 7%. As religiões têm diferentes opiniões sobre a homossexualidade. As igrejas evangélicas, de modo geral, acreditam que seja uma doença emocional, psíquica e até demoníaca. A Igreja Católica também condena as relações homoafetivas. Já os espíritas têm um discurso mais tolerante em relação aos gays, segundo o qual “tudo faria parte do plano divino e da evolução do espírito”. Quando confrontadas com a religião dos entrevistados,

as respostas apresentaram divergências.

Proporcionalmente, mais alunos evangélicos assumem ter preconceito contra gays: 39% contra 23% dos católicos. Já quando perguntados se se pudessem optariam por não dividir a sala de aula com colegas gays, 22% dos evangélicos responderam que sim, contra 13% de católicos. É maior também o número de entrevistados evangélicos que consideram a homossexualidade uma doença: 40%. Entre os católicos, o índice é de 14%. Desde 1990 a Organização Mundial de Saúde não considera a homossexualidade uma doença.

nós

Boletim informativo

Redação, fotos e arte

Professor Luiz Carlos Gonçalves; Estagiários: Gabriel Alexandre (3ºA), Renato Mesquita Pereira (Funedi/Uemg)

Impressão Gráfica do Cefet-MG Campus I **Campus Divinópolis**

R. Álvares de Azevedo, 400.

Bela Vista Divinópolis-MG.

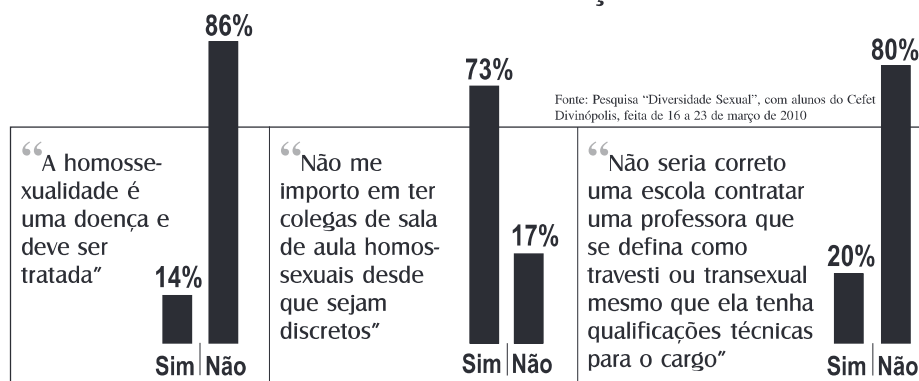
Telefone: 37 3229-1150

Site: www.div.cefetmg.br

Contato

luizcarlos@div.cefetmg.br

Você concorda com as afirmações abaixo?



Projeto - Os alunos do 2ºA analisam os formulários da pesquisa.

Plano defende direitos civis dos homossexuais

Lançado em maio de 2009, o Plano Nacional de Promoção da Cidadania e Direitos Humanos de LGBT quer garantir os direitos e o exercício da cidadania para lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais. O projeto é composto por 51 diretrizes, que devem ser transformadas em políticas de Estado. Entre elas estão a legalização do direito de adoção dos casais que vivem em parceria homoafetiva e o reconhecimento dos direitos civis de casais homossexuais. O plano quer fortalecer a implantação aos poucos de políticas específicas para LGBT. O governo federal apoia o plano, que foi lançado pela Presidência da República. Mas a questão é bem mais complicada do que a sigla LGBT, que acolhe as várias orientações

sexuais, ou todas as "cores do arco-íris". Vencer preconceitos não é tarefa fácil, já que a hostilidade pode ser acobertada pelo discurso da "manutenção de hábitos ou de bons costumes". Mas um dos primeiros passos é convencer as escolas a tratar do tema. Para isso, o MEC tem promovido seminários para formação de professores, através da Secad, a secretaria que trata da diversidade. Para Luciana Isabel de Oliveira Marcelino, professora do Cefet, o caminho é mesmo esse: "Deve haver uma preparação por parte da escola para esses assuntos, as pessoas têm que aprender a conviver com o diferente e as diferenças", diz.

André Luís Felipe Vieira
João Luiz Maira Pereira
Priscila de Fátima
"Plano defende direitos civis dos homossexuais"

Guilherme Frederico
Leandro Henrique
Lucas Aguiar
Matheus Rodrigues
Tales Fonte Boa
"Vocabulário tenta captar diversidade"

André Borges
Pedro Henrique
Pedro Otávio Garcia
Raul Santana
Thales Venâncio
"Professora torna-se primeira travesti a fazer doutorado"

Flávio Henrique
Leonardo Viana
Marcony Montini
Mateus Cortez
Thiago Michaelson
Wesley Faria

"Pesquisa se baseou em estudo do MEC sobre homofobia na escola"



Luma Andrade: doutora

Vocabulário tenta captar diversidade

"Orientação sexual" - e não "opção" - é a forma politicamente correta de se designar a preferência sexual. São várias as expressões para se referir ao universo homossexual. Muitas ofensivas, outras adotadas até pelos grupos de defesa homossexual, que evitam "homossexualidade" e "homossexualismo" por considerarem termos que lembram doença. A palavra "gay" é utilizada no mundo todo. De origem inglesa, significa "alegre". Já "lesbianismo" teria raízes no nome de uma ilha no mar Egeu: Les-

bos. "Travesti", por sua vez, está ligado ao ato de vestir-se com roupas do sexo oposto, enquanto transexual, refere-se à condição do indivíduo que possui uma identidade de gênero diferente da do nascimento e tem o desejo de ser aceito como sendo do sexo oposto. As siglas sob as quais os movimentos gays se apresentam também perdem e ganham letras. Ultimamente, a mais usada é LGBT: Lésbicas, Gays, Bissexuais e Transgêneros. Transgênerismo refere-se à condição cuja expressão de gênero não corresponde ao papel social atribuído ao gênero designado para elas no nascimento. Entendeu?

Pesquisa se baseou em estudo do MEC sobre homofobia na escola

A pesquisa foi realizada entre os dias 16 e 23 de março de 2010. Foram entrevistados 419 alunos de todas as turmas de curso técnico. Cada aluno recebeu um formulário com respostas estimuladas e podia marcar apenas uma opção em cada pergunta. A pesquisa tinha questões objetivas como, por exemplo: "Se pudesse, você optaria por não ter colegas homossexuais na sua sala de aula?" E outras que avaliavam o nível de concordância com alguma afirmativa, como "A homossexualidade é uma doença e deve ser tratada". O aluno tinha de marcar se concordava ou discordava muito ou pouco. A pesquisa

teve como base dois outros trabalhos. Um deles sobre a diversidade na escola, encomendado pelo Ministério da Educação (MEC), em 2009. O objetivo dessa consulta era relacionar o desempenho escolar com o preconceito, através do cruzamento do resultado com as notas da Prova Brasil. O outro estudo que serviu de base foi "A atratividade da carreira docente no Brasil". Publicado pela Revista *Nova Escola* em fevereiro, o trabalho foi usado como orientação no estabelecimento de critérios metodológicos.

Professora torna-se primeira travesti a fazer doutorado

Desde criança, Luma Andrade sofreu por ser "diferente". Isso não a impediu que estudasse. Formada em Biologia e Química, em 2009 ingressou no doutorado da Universidade Federal do Ceará. Até aí não há nada de muito diferente no currículo da moça. O inusitado da história é que Luma, nascida João Nogueira, é a primeira travesti a cursar doutorado no Brasil. Luma é uma exceção e jura ter fugido ao estereótipo das travestis que vendem o corpo nas esquinas.

Concursada pelo estado, ela coordena 28 escolas em 13 municípios do interior do Ceará. No cargo, afirma ter intervindo em casos como o da diretora que chamou os pais de um aluno, por ele ser gay, e o de outra que tentou impedir que travestis entrassem na escola de batom. Para Luma, em entrevista à *Agência Folha*, o preconceito reproduzido no ambiente escolar afasta as jovens travestis das salas de aula, o que acaba por condená-las à prostituição.

Alunos poderão reservar livros pela internet

Novo software
vai modernizar a
biblioteca do campus

Além do ambiente mais claro e arejado, no novo campus, a biblioteca do Cefet deve passar por outras mudanças para ser modernizada. Vários serviços passarão a ser prestados através da internet. Isso graças ao “Sophia”, um programa de computador que permite interações do usuário com a biblioteca por meio da rede mundial de computadores.

Será possível agendar e até renovar empréstimos, sem sair de casa. “Outra coisa bacana que será oferecida pelo novo software é que ele comunicará, através de e-mail, que obras do interesse do usuário

estão na biblioteca”, explica a bibliotecária Fabiana Pés, do Cefet de Divinópolis.

A biblioteca do Cefet é formada principalmente por livros técnicos ligados aos cursos oferecidos pela escola. Mas também possui obras literárias e livros didáticos, além de assinar jornais e revistas.

Muitos alunos aproveitam os horários vagos para estudar no local ou para folhear periódicos. “Temos planos de criar um espaço para leitura”, conta Fabiana. Segundo ela, em geral os alunos do Cefet são pontuais na devolução dos livros.

Cada dia de atraso vale multa de 1 real por cada livro. Quanto aos cuidados com o acervo, a bibliotecária faz questão de lembrar um aviso comum em todas as bibliotecas, além do “Silêncio!”. É aquele que pede que os leitores não recolorem



NOVO CAMPUS - Vista parcial do Campus do Bela Vista, que passou a funcionar para todas as turmas no final de maio.

os livros nas estantes. Segundo Fabiana, mesmo querendo ajudar, o leitor pode causar uma grande bagunça na organização da biblioteca se puser a obra no

local errado. “Essa é uma regrinha básica no mundo todo; um livro mal colocado pode se perder em meio aos outros”, explica a bibliotecária.

CORRIDA DE ORIENTAÇÃO

Cefet participa de campeonato em Uberlândia

LUÍZ CARLOS GONÇALVES
RENATO MESQUITA PEREIRA

Cefet-MG e Escola Municipal Professora Hermínia Corgosinho, vizinha ao campus do Bela Vista, representaram Divinópolis no Campeonato Estudantil Mineiro de Orientação, que aconteceu em Uberlândia, nos dias 15 e 16 de maio. Na Corrida de Orientação, os atletas têm como objetivo cumprir um trajeto tendo como guia um mapa e uma bússola. Resistência física e agilidade são atributos que levam a equipe a conseguir uma boa colocação.

Treino - O preparo para o evento envolveu profissionais das duas escolas. Em plena tarde de sábado, alunos corriam e se embrenhavam nas matas que cercam a nova sede do Cefet de Divinópolis, que foi usada para praticar a técnica. As duas escolas, juntas, levaram 44 alunos e uma equipe de responsáveis a Uberlândia. Os alunos do Cefet conquistaram dois primeiros lugares. Karine Rabelo de Oliveira, do 2º B, ficou em pri-



CAMPEÕES - karine (2ºB) e André (2ºA), que ficaram em 1º lugar em suas categorias

meiro no estado na categoria 18 anos para meninas e André Luiz Souza Andrade (2º A) também foi campeão estadual, na categoria 18 anos, masculino. Já a Escola Hermínia Corgosinho trouxe quatro medalhas nas categorias abaixo de 16 anos. A

próxima competição também acontece em Uberlândia, em setembro. É o Campeonato Brasileiro Estudantil e Universitário de Orientação. “Esperamos contar com a colaboração de toda a instituição para poder participar”, conta a professora

CLASSIFICAÇÃO

CATEGORIA FEMININO 18 ANOS

Karine Rabelo de Oliveira (2ºB) ... 1ª
Lais Cristine Bernardes (2ºB) 4ª
Ana Paula Alves (Info. Noite) 7ª

CATEGORIA MASCULINO 16 ANOS

Thiago Manata Michaelson (2ºA) 8º
Gildo Rodrigues Jr (1ºB) 12º
Braian Mendes Correia (2ºA) 16º
Lucas Ferreira Cruz (1ºB) 17º
Heitor Catarino Trindade (1ºB) 19º
Diogo Antônio M. Lemos (1ºB) 25º

CATEGORIA MASCULINO 18 ANOS

André Luiz Souza Andrade(2ºA) .. 1º
Rodrigo Bernardino Oliveira (1ºB) .. 4º
Augusto Alves Andrade (2ºA) 6º
Kaíque s. Gonçalves (2ºB) 8º
Guilherme Israel Martins (1º A) 9º
Pedro Araujo Mourão (2ºB) 10º

de Geografia Nádia Cristina, que representou o Cefet. Ela destaca ainda o apoio de pais de alunos na atividade. O transporte dos alunos das duas escolas até Uberlândia ficou a cargo da Prefeitura de Divinópolis.